

Audiolivros, origem e evolução: Breve revisão de literatura

Audiobooks, origin and evolution: Brief literature review

Suellen Souza Gonçalves

Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: suesouzag@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9330-2440>

Patrícia Nascimento Silva

Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

E-mail: patricians@ufmg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2405-8536>

RESUMO

O audiolivro passou por diversas transformações até tornar-se um arquivo digital comercializado em plataformas, como se conhece na atualidade. Com vista a identificar esse progresso, esta pesquisa buscou investigar o surgimento dos audiolivros e sua evolução por meio de uma breve revisão de literatura. Para isto foi realizada uma busca no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Portal CAPES) para recuperar trabalhos que abordassem a temática, utilizando descritores relacionados ao conceito de audiolivros. Diante dos resultados obtidos, observou-se que os audiolivros têm sua origem e evolução conectados com o avanço da tecnologia sonora, a qual foi sendo aprimorada ao longo dos anos, dispondo de uma transformação significativa com a concepção da *internet*. Além disso, a adoção do audiolivro como conteúdo digital aumenta a equidade e a acessibilidade aos usuários, por ser um formato capaz de realizar a inclusão. Apesar dos avanços, a temática dos audiolivros ainda necessita de mais pesquisas e estudos, visto que ainda há diversas incógnitas sobre a própria definição, formas de apresentação e a organização no meio digital.

Palavras-Chave: audiolivro, livros falados, áudio digital, livros narrados, ciência da informação.

ABSTRACT

The audiobook underwent several transformations until it became a digital file marketed on platforms, as it is known today. In order to identify this progress, this research sought to investigate the emergence of audiobooks and their evolution through a brief literature review. For this, a search was carried out on the Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (*Portal CAPES*) to retrieve works that addressed the theme, using descriptors related to the concept of audiobooks. In view of the results obtained, it was observed that audiobooks have their origin and evolution connected with the advancement of sound technology, which has been improved over the years, offering a significant transformation with the conception of the internet. In addition, the adoption of the audiobook as digital content increases equity and accessibility for users, as it is a format capable of inclusion. Despite the advances, the theme of audiobooks still needs more research and studies, since there are still several unknowns about the definition itself, forms of presentation and organization in the digital environment.

Keywords: audiobook, talking books, digital audio, narrated books, information science.

Como citar: Souza Gonçalves, S., & Nascimento Silva, P. (2023). Audiolivros, origem e evolução: breve revisão de literatura. In S.M. Cardama, D.L. Arias, & M.L.P. Valentim (Eds.), *Aportaciones españolas y portuguesas a la iConference 2023*, evento híbrido, 13-17/27-29 de marzo del 2023, Acta, *Advanced Notes in Information Science*, volume 5 (pp. 100-115). Pro-Metrics: Tallinn, Estonia. DOI: 10.47909.978-9916-9906-9-8.48.

Copyright: © 2023, The author(s). This is an open-access work distributed under the terms of the CC BY-NC 4.0 license, which permits copying and redistributing the material in any medium or format, adapting, transforming, and building upon the material as long as the license terms are followed.

INTRODUÇÃO

Os audiolivros, também chamados de *audiobooks*, livros falados (*spoken books*, *talking books*) e livros narrados (*narrated books*), corresponde a gravações de livros escritos, lidos em voz alta, realizados por narradores profissionais, amadores, ou mesmo pelo próprio autor (ENGELEN, 2008).

Segundo Rubery (2016) os audiolivros têm sua história mais antiga do que geralmente se pensa, estendendo-se até a citação de Thomas Edison de ‘Mary Had a Little Lamb’ em uma folha de papel alumínio, um dos primeiros formatos de audiolivros. A citação da primeira gravação da música infantil feita por Thomas Edison foi referida em seus escritos pessoais, onde descreveu o processo de criação do fonógrafo. Em 1927 foi realizada uma nova gravação das primeiras palavras que Thomas Edison gravou em 1878. Barbosa (2013) explicita que os audiolivros surgiram como ‘*phonographic book*’, sugerido por Thomas A. Edison, em 1878. Desta forma, os audiolivros estão conectados aos experimentos tecnológicos no campo da fonografia desde o final do século XIX e o início do século XX, incentivados por fundações voltadas ao auxílio de deficientes visuais, nos Estados Unidos da América (EUA) e na Inglaterra.

Mas somente anos depois, com o surgimento do *talking book machine*, em 1934, para pessoas cegas, que houve uma ampliação do que seria chamado de audiolivros na atualidade. O *Talking book machine* era uma máquina onde os audiolivros eram rodados ao colocarem os discos de vinil. Eles eram enormes e mecânicos, carregados com até oito discos de gramofone por romance. Os *designs* da National Library Service (NLS) definiram o ritmo das inovações tecnológicas ao longo dos anos e a tecnologia do disco foi modificada e melhorada até chegar ao formato atual dos anos 2000 (FINEBERG, 2002).

Apenas na década de 1930 que começaram a surgir os primeiros audiolivros comerciais, nos EUA e na Inglaterra. Inicialmente os audiolivros visavam especialmente os soldados da Primeira Guerra Mundial que retornavam com cegueira parcial ou total. Conforme apresentado nos estudos sobre a temática, os audiolivros foram aprimorados a

cada nova mídia tecnológica inventada. Segundo Engelen (2008), nos anos 2000, os audiolivros poderiam ser ouvidos a partir de computadores e leitores de mídia diversos, especialmente os portáteis como toca-fitas, CD-players, MP3 players, Ipods, *smartphones*, entre outros.

Atualmente, os audiolivros podem ser adquiridos e acessados pela *internet*, por meio de plataformas popularmente conhecidas como *streaming*, sem a necessidade da aquisição de um dispositivo específico, como antigamente. Com a dinamicidade do dia a dia, os suportes de audiolivros estão ganhando destaque entre os leitores, por poderem escutar um livro, executando tarefas simples do cotidiano. Para Barbosa (2017, p. 243) a mais recente aposta é o “serviço de vendas e assinaturas de livros sonoros via aplicativos em que novas funcionalidades são exploradas, como a interação com as redes sociais e as possibilidades de armazenamento dos audiolivros lidos na nuvem”. Com isso, os aplicativos de audiolivros disponibilizam livros para acesso e *download* em vários tipos e formatos de dispositivos.

Diante deste contexto, o presente trabalho pretende responder a seguinte questão de pesquisa: Qual a origem dos audiolivros, quando e como ocorreu sua evolução? A pesquisa objetiva realizar uma breve revisão de literatura para identificar a definição de audiolivro, sua origem e evolução. Além disso, o estudo integra um dos objetivos específicos de uma pesquisa de mestrado em andamento envolvendo a temática de audiolivros.

METODOLOGIA

Para identificar a origem e o contexto histórico dos estudos sobre audiolivros foi realizada uma revisão não-sistemática e sem recorte de tempo no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(Portal CAPES), em agosto de 2022, utilizando descritores com relação direta ao assunto nos idiomas: português, inglês e espanhol. Foram utilizados descritores, alguns de modo simples e outros em uma busca combinada entre dois termos, conforme relatado a seguir.

Inicialmente foi realizada uma busca com os descritores: “audio” and “livro”. A pesquisa recuperou um total de 101 documentos, porém ao visualizar os títulos dos documentos e utilizar os filtros: artigos, periódicos revisados por pares e acesso aberto, o número de documentos reduziu para 23. Contudo, foi identificado que os 23 documentos estavam relacionados a livros físicos, em específicos livros didáticos, que não contemplavam o objetivo da pesquisa. O próximo descritor a ser utilizado foi “audiolivro”, o mesmo recuperou 15 artigos, mas mediante uma análise dos resumos, observou-se que apenas cinco eram relevantes para a pesquisa, já que os outros trabalhos não abordavam conteúdos sobre audiolivro. Em seguida, foram utilizados os descritores: “recuperação da informação and áudio”; “information retrieval and áudio”; “retrieval of audio information”; “recuperación de la información and áudio”. Para todas as pesquisas realizadas não foram identificados artigos científicos relacionados à recuperação da informação em mídias musicais e audiovisuais. Destaca-se que os descritores foram associados à recuperação da informação em uma tentativa de investigar a temática sob a ótica da organização da informação, contudo as pesquisas não retornaram resultados.

Ao utilizar os descritores: “aplicativos and audiolivro”; “aplicativos and audiobook”; “tecnologia and audiobook”, não foi recuperado nenhum artigo ou qualquer outro material, o que pode sugerir que os termos ainda não estão relacionados com audiolivros. A pesquisa utilizando somente o

termo “*audiolibro*”, exibiu 23 artigos, que foram analisados através dos resumos. Porém, ao filtrar por acesso aberto, critério utilizado nessa revisão, percebeu-se que apenas cinco eram abertos e estes foram utilizados na revisão de literatura por trazer material sobre a história do audiolivro. O descritor “*audiobook*”, recuperou 39.829 documentos, ou seja, o termo que mais trouxe conteúdo. Contudo, uma quantidade muito alta de documentos.

Após as tentativas com os descritores, observou-se que apenas três possuíam relevância para a pesquisa, assim, optou-se por realizar a busca com os descritores “*audiolivro*”, “*audiolibro*” e “*audiobook*”, pois retornaram 39.968 documentos. Após a definição dos descritores foram selecionados alguns filtros para delimitar os documentos mais pertinentes e relacionados à temática da pesquisa. Em relação ao descritor “*audiobook*”, optou-se por selecionar apenas artigos escritos em inglês, com acesso aberto e revisados por pares, o que resultou em 65 trabalhos. A opção de filtrar pelo idioma inglês, deu-se por ser um idioma mais acessível à compreensão das autoras. Em decorrência dos filtros, observa-se uma diferença grande na quantidade de resultados para o descritor “*audiobook*”, essa diferença se deu porque muitos dos trabalhos recuperados são do tipo resenhas, artigos de jornais, conjuntos de dados, gravações de vídeos, entre outros tipos de documentos, que não eram o foco da pesquisa. Além disso, uma parte dos artigos tinha enfoque em outras temáticas que não tinham relação com a pesquisa como, por exemplo, livros físicos e didáticos, medição sonora, etc.

Na próxima etapa foi realizada uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e sumarizar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas aos questionamentos da pesquisa.

A Tabela 1 apresenta um resumo dos resultados para cada um dos descritores e a quantidade de documentos recuperados, ou seja, a amostra (75 documentos) analisada na revisão.

Tabela 1. Descritores e resultados obtidos
(Fonte: Próprias autoras).

Descritores	Resultados	Resultados com filtros	Utilizados
Audio and Livro	101	23	0
Audiolivro	15	5	5
Recuperação da informação and audio	0	0	0
Information retrieval and audio	0	0	0
Recuperación de la información and audio	0	0	0
Aplicativos de audiolivro/ audiobook	0	0	0
Tecnologia and audiobook	0	0	0
Audiolibro	23	9	5
Audiobook	39.829	65	65
Amostra final			75

Em síntese a Tabela 1 apresenta os descritores e resultados das pesquisas realizadas no Portal CAPES. Observou-se que o descritor com mais resultados foi “audiobook”,

o qual possibilitou recuperar outros materiais sobre a temática pesquisada através dos artigos utilizados, viabilizando a construção da cronologia da evolução do audiolivro. Além disso, observou-se que na amostra coletada o tema audiolivro não possui uma produção acadêmica relacionada às temáticas de recuperação da informação, aplicativos e tecnologia, conforme busca realizada com os descritores empregados na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os artigos recuperados nas bases indexadas no Portal CAPES foram selecionados com o objetivo de construir um entendimento acerca do tema audiolivros. Assim, com relação ao conceito, Rubery (2016) explica que os livreiros costumam usar o termo livro falado ou *audiobook* de forma intercalada para descrever as narrativas que eram gravadas em um disco, fita cassete, disco compacto, arquivo digital MP3 ou outro formato de áudio. Os autores Paletta, Watanabe e Penilha (2008, p. 2) concebem audiolivros como: “um livro em áudio, para se ouvir, também chamado de livro falado ou *audiobook*”.

Ainda sobre a definição de audiolivro, o autor Best (2020, p. 2) profere que os audiolivros “são definidos como adaptados de livros criados originalmente em forma escrita, seja como impressão ou e-publicação, e com um *layout* narrativo (digamos, verso ou roteiro dramático)”. Em outras palavras, o autor apresenta uma visão sobre o audiolivro ser apenas uma narração do que já foi produzido e com uma narração mais dramática do que se tem no livro impresso. O autor deixa uma pergunta intrigante: será que todos os audiolivros são de obras já escritas? Em ambas as definições, percebe-se que o entendimento dos autores é próximo.

O autor Rubery (2016), em seu livro “*The Untold Story of the Talking Book*”, delinea toda a história da evolução do audiolivro que perpassa os tradicionais livros fonográficos, feitos em cilindros de cera, os audiolivros feitos para soldados cegos que retornaram da Primeira Guerra Mundial até os audiolivros comerciais ouvidos em estéreos de carros e fones de ouvido na atualidade. E mesmo que se tenha registros sobre o audiolivro há muitos anos, percebe-se que os mesmos só tiveram visibilidade, décadas depois com os novos suportes tecnológicos.

De 1878 até os anos 1930 os audiolivros acompanharam o avanço fonográfico. Rubery (2016) menciona que o desejo de Thomas Edison estava anos à frente da tecnologia, pois em 1878 era impossível gravar um romance inteiro devido os cilindros de papel de alumínio armazenarem apenas minutos de gravação. As primeiras gravações consideradas literárias vieram somente uma década depois, quando o fonógrafo foi aprimorado e tornou-se possível gravar a obra: os poetas dos autores: Alfred Tennyson e Robert Browning.

O fonógrafo criado por Thomas Edison em 1877, e mesmo tendo uma limitação nas gravações iniciais, permitia registrar pequenas rimas infantis e trechos de versos. A partir da tecnologia idealizada por Thomas Edison que foi possível conceber um audiolivro. Porém, as gravações de livros completos tiveram que esperar iniciativas filantrópicas, para pessoas cegas, que investiram nos projetos de audiolivros na década de 1930. Segundo Rubery (2016, p. 32, tradução nossa), “a proposta de Thomas A. Edison destacou como a tecnologia de gravação de som alterou as concepções do livro nas últimas décadas do século XIX”.

Somente em 1931, com a American Foundation for the Blind (AFB), que instituiu o programa do livro falado, é

que se tem uma mudança no suporte de audiolivros. Conforme destaca Barbosa (2013), isso aconteceu porque em 1934 foi lançado a *talking book machine* que era um audiolivro exclusivo para o uso de pessoas cegas que incluía fones de ouvido e a função de rádio. Analisando os documentos recuperados foi possível identificar que os autores apresentaram datas específicas que foram importantes para a evolução do audiolivro, como em 1948 que houve a fundação do programa gravação para cegos e que mais tarde foi renomeado para Aprendizado Aliado. Conforme Castro (2020) durante as décadas de “1940, 1950 e 1960, outros formatos de audiolivro foram criados, tanto que em 1952 foi criada a Caedmon Record, empresa pioneira na indústria de audiolivros”.

Em 1955 tem-se a fundação da *Listening Library* a primeira fundação a distribuir audiolivros para bibliotecas e escolas. Em 1963 tem-se uma inovação com a criação da fita cassete. Para Castro (2020) o processo de gravação foi otimizado tornando-se o meio preferido dos audiolivros. Porém, em 1982 foi lançado o compact disc (CD) e tem-se um novo meio de acessar os audiolivros, de modo mais prático, o que fez com que as livrarias exibissem os audiolivros em estantes.

Em 1986 foi criada a associação de editores de áudio e no mesmo ano surgiram os clubes de leitura com audiolivros para os associados. Especificamente em 1994 a Associação de Editores de Áudio (APA), estabeleceu o termo “audiobook” como padrão da indústria. No ano seguinte a empresa Audible tornou possível o *download* de livros em computadores *desktop*. Em 1997 foi lançado o Audible, o primeiro reprodutor de áudio digital. Segundo Oliveira (2020, p. 77) “o audible era um reprodutor de mídia portátil homônimo conhecido como Audible Mobile

Player, o dispositivo continha cerca de quatro *megabytes* de armazenamento”. Para fazer o *download* dos audiolivros era necessário acessar o site oficial da Audible e depois transferir para o *player*.

Em 2000, com a popularização da *internet*, o formato e a distribuição de audiolivros sofreram mais mudanças, tanto que em 2003 a Audible e a empresa Apple fizeram uma parceria para aprimorar a distribuição dos audiolivros. Em 2004 os CDs substituíram os cassetes como meio preferido para ouvir audiolivros e um ano depois, os reprodutores digitais pré-carregados, um formato de audiolivro completo, foram criados. Em 2005 foi fundada a Storytel, empresa de audiolivro localizada na Suécia.

Em 2006, a revista Bookseller organizou um seminário da indústria editorial a respeito da relação entre audiolivros e livros impressos, onde os editores ainda discutiam sobre livros físicos e audiolivros. Porém, algumas empresas defenderam que os audiolivros não deveriam ser tratados apenas como uma versão gravada de um livro, mas sim, como uma reinvenção do produto. Conforme Rubery (2016) empresas como a Audible começaram a promover audiolivros como uma arte independente, destacando que eles tinham o poder de trazer experiências diferentes dos livros. Em 2008, a empresa Amazon adquiriu a Audible tornando-se uma das grandes distribuidoras de audiolivros.

No ano de 2009 iniciaram-se os *downloads* de arquivos em formatos digitais ultrapassando os CDs, como o formato de audiolivro mais popular. Em 2011 foi criado a Audiobook Creation Exchange (ACX) que possibilitou a autopublicação de audiolivros. Em 2013 foram produzidas as primeiras edições semestrais de audiolivros do The New York Times Book Review. Com a chegada dos audiolivros, o jornal abriu um espaço para realizar as críticas em

audiobooks. No ano de 2014 foi inaugurado o Deyan Institute of Vocal Artistry and Technology (DIVA), a primeira escola do mundo para o ensino da arte e das tecnologias para produção de audiolivros. Em 2017, a empresa sueca Storyrel entrou no mercado indiano, um mercado onde o consumo de audiolivros teve um aumento considerável em relação a outros países.

Alguns anos depois surgem os serviços de assinatura de audiolivros digitais, por meio de plataformas acessadas por dispositivos móveis. Barbosa (2017) destaca que os serviços de vendas e assinaturas de livros sonoros, via aplicativos, possuíam novas funcionalidades ainda não exploradas, como a interação com as redes sociais e as possibilidades de armazenamento dos audiolivros lidos na nuvem. Com isso, o meio digital expandiu a exigência do arquivo físico, pois além da possibilidade do *download* a reprodução via *streaming* ofereceu outras possibilidades de consumo de audiolivros. Com a ampla disponibilidade de audiolivros para *download* no mercado, há uma grande oportunidade para os centros de informações atenderem aos usuários que preferem ouvir audiolivros em seus dispositivos móveis, o que incitou desafios e potencialidades às áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que essas áreas precisavam incluir, disseminar e organizar o acesso ao novo formato do audiolivro. Com isso, a bibliotecária Renee Young, em seu artigo “Listen Up: Best Practices for Audiobooks in Libraries” apresenta conselhos e dicas aos profissionais da informação para criar, incluir e melhorar a coleção de audiolivros dos centros de informações, além de maneiras para promover o formato que vem sendo solicitado nos centros de informações, conforme os relatos de pesquisa abordados em seu artigo (YOUNG, 2019).

A Figura 1 apresenta uma linha do tempo com os principais marcos e suportes tecnológicos na evolução do audiolivro, iniciando com o fonógrafo na década de 1870 até as plataformas digitais utilizadas na atualidade.

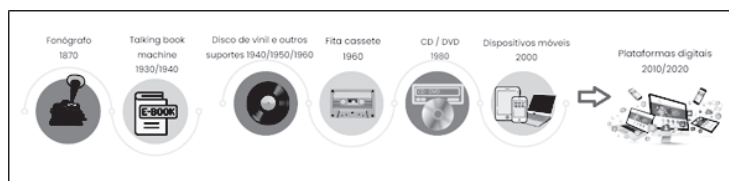


Figura 1. Suportes tecnológicos na evolução do audiolivro
(Fonte: Próprias autoras).

Bernstein (2011) expõe que a nova fronteira para o audiolivro em quaisquer de suas extensões digitais (podcasts, *downloads*, experiências em audioarte) não é ser preenchido com a característica textual de uma nova mídia, mas de criar e assumir novas características com base no novo contexto que ele se apresenta. O audioarte seria a nova experiência que os audiolivros proporcionam aos usuários, pois os audiolivros além de possuir a narração de uma história, possuem efeitos sonoros que aumentam a compreensão do leitor unindo as percepções cognitivas do usuário. Nesse sentido, Jain (2017) explica que a adoção de audiolivro como conteúdo digital aumenta a equidade e a acessibilidade aos usuários, por ser um formato que está no virtual e é capaz de realizar a inclusão. Os audiolivros podem ser escutados por pessoas em geral e, ao mesmo tempo, prova ser um dos meios essenciais para acessar informações por pessoas com deficiências de impressão, que incluem pessoas com cegueira, baixa visão e certas deficiências físicas como dificuldades de aprendizagem.

Os audiolivros digitais, acessados por meio das assinaturas, trazem mudanças e possibilidades em relação às tecnologias anteriores, uma vez que é possível armazenar um audiolivro em um único arquivo digital. Os serviços de assinatura da maioria das plataformas de audiolivros atuais seguem um modelo onde os usuários se inscrevem e pagam um valor mensal para acessar todo o conteúdo. Conforme Wallin e Nolin (2019), a maioria dos serviços de assinatura de audiolivros ativos no mercado operam sob o modelo *premium*, que são aqueles que o usuário ganha acesso a todo o catálogo, podendo baixar o material para usar offline, e não é interrompido por anúncios. Contudo, ressalta-se que existem diferenças entre as diversas plataformas.

Os audiolivros tornaram-se populares em diversos países, incluindo o Brasil. Segundo Menezes e Franklin (2008) os audiolivros surgiram no país durante a década de 1970 e sua utilização tinha um público específico, os deficientes visuais. Conforme Barbosa (2017, p. 243) no Brasil, “desde 2014, os aplicativos da Ubook e Tocalivros estão disponíveis para dispositivos com os sistemas operacionais iOS e Android e se consolidaram como inovação mais recente no mercado nacional de audiolivros”. Atualmente existem empresas disputando mercado e oferecendo serviços de *streaming*, com assinaturas para ter acesso a todo conteúdo da plataforma, que incluem as obras em diferentes suportes: audiolivros e *ebooks*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar um estudo preliminar sobre os audiolivros, sua origem e evolução. Observou-se que a evolução dos audiolivros inicia com os audiolivros fonográficos perpassando as evoluções tecnológicas das

mídias de armazenamento até os audiolivros digitais para *download* e o modelo atual por assinaturas, por meio do *streaming*. Nesse sentido, foi possível concluir que os audiolivros foram consumidos pelos usuários, independente do formato ao qual se apresentava, ao longo dos anos. Os audiolivros dialogam com a tecnologia e a acessibilidade, sendo opções interessantes para os centros de informação e para usuários que buscam novas experiências, otimizando a sua leitura e a construção de sentidos. Contudo, a temática dos audiolivros ainda necessita de mais pesquisas e estudos, visto que ainda há diversas incógnitas sobre a própria definição, formas de apresentação e a organização no meio digital.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, R. O. (2013). *Um olhar sobre o audiolivro e as materialidades de seus suportes* – da performance do corpo aos primeiros livros falados. Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Anais... Ouro Preto: Rede Alcar. Recuperado de <https://abre.ai/ew5q>.
- Barbosa, R. O. (2017). Ouvidos para ler: contextualizando audiolivro, leitura e entretenimento. *Revista Brasileira de História da Mídia*, Vol. 6, n.º 01, jan/jul. Recuperado de <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6072/3569>.
- Bernstein, C. (2011). Foreword. In Rubery, M. (ed.) *Audiobooks, Literature, and Sound Studies*. Taylor & Francis.
- Best, E. (2020). *Audiobooks and literacy: a rapid review of the literature*. Recuperado de <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED607775.pdf>.
- Castro, A.(2022). *El audiolibro en el mercado editorial, breve historia, potencial de ventas y estadísticas*. Recuperado de <https://www.hay-festival.com/talento/blog.aspx?post=1235>.
- Engelen, J. (2008). *Modern Digital Libraries: The Case of the Audio-Book Boom*. doi: 10.1007/978-3-540-70540-6_42
- Fineberg, G. (2002). *NLS Pushes Conversion to Digital Books: new exhibition features prototype playback machines*. Recuperado de <https://www.loc.gov/loc/lcib/0210/nls.html>.

- Jain, S. (2017). *Not just seeing is believing, accessible audio books & a library for visually impaired are here*. Recuperado de <https://www.thebetterindia.com/104715/accessible-audio-books/>.
- Menezes, N. C.; Franklin, S. (2008). Audiolivro: uma importante contribuição tecnológica para os deficientes visuais. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 2, n. 3, pp. 58-72, dez. Recuperado de <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/98646>.
- Oliveira, A. A. (2020). *Audiolivros digitais e letramento literário: ensino de literatura na cultura da convergência*. 193f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria. Recuperado de <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22103>.
- Paletta, F. A. C., Watanabe, E. T. Y.; Penilha, D. F. (2008). *Audiolivro: inovações tecnológicas, tendências e divulgação*. In XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Anais... São Paulo. Recuperado de http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/30/4376/SNBU2008_225.pdf.
- Rubery, M. (2016). *The Untold Story of the Talking Book*. Cambridge, Massachusetts : Harvard University Press.
- Wallin, E. T., NOLIN, J. (2019). *Time to read: Exploring the time-spaces of subscription-based audiobooks*. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444819864691>.
- Young, R. (2019). Listen Up: Best Practices for Audiobooks in Libraries. *Journal Reference and User Services Association da American Library Association*, Vol 58, N 4. Recuperado de <https://journals.ala.org/index.php/rusq/article/view/7146/9715>.